

RETRATOS DE UM JOVEM LEITOR

Zoara Failla

Mesmo em ambiente digital e de compartilhamento sedutores, adolescentes contrariam os números da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil e reproduzem, no Brasil, o fenômeno que despontou com as sagas e séries. Se cinco milhões de jovens (20%) venceram a sedução, outros poderão ser conquistados. Identificar o que diferencia e mobiliza esses jovens pode revelar ações e políticas públicas mais efetivas.

Afinal, o jovem brasileiro gosta de ler?

O adolescente brasileiro estaria vivendo o mesmo fenômeno global marcado pelo sucesso de séries como Harry Potter, que se reinventa com novas “ondas”, como: “chick-lit” ou “sick-lit”?

Autores brasileiros e estrangeiros do segmento literário denominado juvenil, baseados em seu sucesso de vendas e de seguidores, têm uma percepção bem especial sobre o jovem de hoje. Para eles, que venderam milhares de livros e viraram celebridades, os jovens amam ler. Thalita Rebouças, autora consagrada do segmento juvenil, declarou que “Nunca se leu tanto no Brasil. Não dá mais para repetir que adolescente não lê”.¹

Essa afirmação despertou em mim inquietações conflitantes. A avaliação de uma autora que vendeu 1,5 milhões de livros e tem milhares de seguidores em sua *fan page*, compartilhando sentimentos, angústias e sonhos, tem o que dizer sobre esses jovens adolescentes.

Sem dúvida quero muito endossar essa tese, mas, os números da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil insistem em mostrar outra realidade. De qualquer forma, a afirmação de Thalita revela que, se milhares de jovens gostam muito de ler, e nunca leram tanto, é possível que outros tantos milhares possam vir a gostar de ler.

E o que diz a Retratos da Leitura no Brasil, pesquisa realizada pelo Instituto Pró-Livro

e aplicada pelo Ibope Inteligência, em 2011 (terceira edição)? A pesquisa, que tem por objetivo conhecer o comportamento leitor dos brasileiros a partir de cinco anos, infelizmente, mostra outra realidade em relação aos hábitos de leitura na faixa etária de 11 a 17 anos. Apesar de ler mais do que a população em geral, o adolescente ainda lê muito pouco. Enquanto a população (de mais de cinco anos) leu 1,8 livros, nos três meses anteriores a pesquisa, esse jovem leu em média 3,3 livros – inteiros ou em partes, incluindo os didáticos; mas, somente um desses livros foi lido por iniciativa própria, os outros 2,3 livros foram lidos para atender uma exigência escolar.

Assim, dos 24,3 milhões de adolescentes representados na amostra, temos que:

- **17,8 milhões** leram algum livro (inteiro ou parte), sendo cerca de **80%** deles indicados pela escola;
- **8,8 milhões** leram um livro inteiro e **9 milhões** leram partes de um livro;
- **4,8 milhões** leram livros de literatura, espontaneamente;
- **6,5 milhões** não leram nenhum livro.

Se por um lado, para o mercado, 4,8 milhões não é um número desprezível e acaba gerando uma movimentação expressiva, que alimenta a criação de selos juvenis e o número de lançamentos, por outro, é bastante preocupante constatarmos que cerca de 16 milhões de adolescentes, a maioria estudantes, não leram nenhum livro de literatura e que 6,5 milhões não leram nenhum livro.

Quando analisamos os principais motivos alegados para não ler, percebemos que as dificuldades de acesso são pouco mencionadas. A falta de interesse, de paciência ou de tempo aparecem como as principais razões. Esse desinteresse mostra que não foram despertados para o prazer da leitura e que, certamente, ocupam seu tempo com outras formas de entretenimento, como assistir à TV, que aparece em primeiro lugar (80%), seguido de escutar música (60%), enquanto 24% diz que lê (revistas, HQ e livros), em seu tempo livre. Apesar de cerca de 80% desses jovens acessarem a internet, ela ainda é menos atraente do que a TV, como forma de entretenimento: 41% acessam

para “navegar” e 38% ficam nas redes sociais. Esses números mostram que o perfil da maioria dos jovens brasileiros é bem diverso do perfil do jovem que se interessa pela literatura juvenil e pelo compartilhamento dessa experiência em redes sociais.

Os adolescentes informam também que leem mais revistas e gibis (cerca de 50%) do que livros (25%), e que ainda leem (2011) muito pouco livros digitais (2%). É importante considerar que, em dois anos (2014), esse número deverá ter tido um crescimento significativo.

POR QUE NÃO LÊ?	11 A 13 ANOS	14 A 17 ANOS
Não tem interesse:	21%	26%
Prefere outras atividades:	17%	13%
Não tem paciência:	11%	13%
Não tem tempo:	18%	27%
Outros motivos com menor percentual:	33%	21%

O QUE GOSTA DE LER?		
Livro em papel:	56%	54%
Livro digital:	7%	7%
Textos na internet:	26%	34%
Não respondeu:	11%	5%

O QUE LÊ?		
Revista	48%	49%
Gibi	54%	36%
Livro de literatura (escola)	23%	24%
Livro (em geral)	25%	28%
Texto internet	18%	26%
Livro Digital	2%	2%

(*) múltipla escolha Média de materiais citados: 2,74

Fonte: Retratos da Leitura (2012)

Em relação ao consumo de livros, apenas 6%, nessa faixa etária, informaram ter comprado algum livro (não didático) nos três meses anteriores à pesquisa; enquanto 77% informaram nunca ter comprado um livro. A média de livros comprados foi de 1,5. Entre aqueles que compraram, 30% (ou 1,8% dos adolescentes) dizem ter comprado por prazer ou para entretenimento. O tema do livro é o principal fator que orienta a escolha (50%). Somente 2% citaram o autor e 14% citaram dicas ou o título como o principal fator para a escolha. Mas aumentou o acesso ao livro por meio da compra em livrarias,

se compararmos a pesquisa de 2011 à aplicada em 2007, provavelmente em razão do crescimento do poder de compra da classe média.

O acesso à internet também foi levantado pela Pesquisa, para se investigar a leitura de livros digitais. Os números ainda são pouco expressivos, mas apontam a tendência a um rápido crescimento. Entre aqueles que acessam a internet (74%, entre 11 e 13 anos, e 84%, entre 14 e 17 anos), 7,1 % (543 mil adolescentes de 11 a 13 anos) e 11,8 % (um milhão entre 14 e 17 anos) dizem ter lido livros digitais. Esses números mostram a tendência à valorização da leitura nesse suporte, mas ainda são números pouco expressivos se considerarmos que representam 0,6 % (1,5 milhões) dos 24,3 milhões de adolescentes nessa faixa etária. Informam que acessam blogs sobre livros ou literatura ou redes sociais para trocar mensagens sobre livros cerca de 5,7 milhões desses adolescentes (11 a 17 anos). Certamente, entre eles estão os seguidores de autores que descobriram essa forma de interação com seus leitores. Mas é importante considerar que mais da metade deles usa a internet para recreação ou para conhecer pessoas, como mostram os números abaixo.

	11 A 13 ANOS 74% (7,55 MILHÕES)	14 A 17 ANOS 84% (11,8 MILHÕES)
ACESSA INTERNET:		
Trabalho escolar:	73%	63%
Recreação:	53%	57%
Conhecer pessoas:	37%	54%
Baixar/ ler livros:	6%	5%
Blogs livros/literatura e redes sociais:	23% (1,8 milhão)	28% (3,9 milhões)
LIVRO DIGITAL (CONHECE?):	25% (2,52 MILHÕES)	32% (4,57 MILHÕES)
Já leu?	22% (543 mil)	21% (1 milhão)
Gostou muito:	61%	49%
Vai ler mais digital:	28%	45%
Vai ler mais impresso:	50%	37%
Leu 1 livro:	34%	49%
Leu de 2 a 5 livros:	41%	56%
GÊNERO PREFERIDO- LITERATURA:	68% (370 MIL)	77% (770 MIL)

Esses números me levam de volta à inquietação com a afirmação de Thalita, de que “Nunca se leu tanto no Brasil. Não dá mais para repetir que adolescente não lê”.

Certamente, os seus leitores estariam entre os 4,8 milhões que disseram consumir literatura porque gostam. E isso é muito bom. Mas e os outros 20 milhões de adolescentes, por que não estão lendo a literatura juvenil da moda? Volto à questão: será possível que outros tantos milhares de jovens

possam se identificar com esses leitores e essa literatura? Qual é a “receita” para essa conquista? Não será fácil identificarmos como conquistar mais jovens leitores em um cenário tão complexo. Os desafios são muitos.

Por um lado, será preciso superar as lacunas na formação leitora oferecida pela escola, em especial porque necessitamos de mais professores leitores com formação cultural e domínio de práticas leitoras que sejam efetivas e cativantes. Também temos poucas famílias que valorizam a leitura e o livro e que leiam para seus filhos. A *Retratos da Leitura* (2012) mostrou a importância que têm esses dois agentes na formação de leitores. Entre os 50% que se declararam leitores, 45% disseram que foi o professor(a) quem despertou seu interesse pela leitura, enquanto 43% informaram que foi a mãe.

No entanto, enfrentamos outros desafios que impactam a leitura: as profundas transformações geradas pela tecnologia digital na produção e acesso à cultura e nas formas de comunicação. Essas mudanças devem gerar impacto na formação e na aprendizagem das novas gerações. Um efeito imediato dessas transformações é que a comunicação contínua e o compartilhamento invadem as relações e o uso do tempo. Esse tempo é dividido entre obrigações e interesses, e o interesse pelas redes sociais e pela comunicação instantânea é um novo fenômeno que mudou significativamente a comunicação e as relações sociais, pois as pessoas passaram a conviver e interagir online e sem interrupção. Não cabe aqui uma análise desse fenômeno, mas do tempo dedicado a essa nova forma de comunicação virtual, especialmente nessa faixa etária. Se ela exerce grande atração e rouba todo o tempo livre, que período sobra para a leitura de livros? Como conseguir fazer com que os livros disputem a preferência desse jovem pela interação virtual com seus amigos? Como enfrentar esses desafios e motivar ou cativar um adolescente para uma leitura solitária e linear? Como conquistar seu interesse pelo livro, mesmo que em suporte digital?

Fala-se muito sobre uma nova geração. Eu mesma abordei esse assunto na introdução do livro *Retratos da Leitura no Brasil 3* (2012):

Uma geração que aprendeu a linguagem virtual antes da alfabetização pelas letras; que adere facilmente a novas tecnologias (“Early Adopter”); que estabelece uma teia de relações virtuais nas redes sociais; e que recebe um bombardeio de estímulos multimídias e tem disponível o acesso a informações, sobretudo, em um clique ou passar de dedos em uma tela. (FAILLA, 2012, p. 19).

Crianças que dominam o funcionamento de equipamentos eletrônicos e o acesso à linguagem digital nos surpreendem. Parece que “já nascem do-

minando essa linguagem”. Os chamados “nativos digitais” ainda não sabem falar e já brincam com celulares e tablets. Nos restaurantes ou em outros locais públicos e em casa, os pais conseguem conter e entreter a garotada com os games. Não levamos brinquedos, mas tablets. Essa familiaridade e disponibilidade desenvolve a habilidade. Como concorrer com esses joguinhos “vorazes” e despertar o interesse por um livro ausente entre os brinquedos e objetos de entretenimento apresentados às crianças?

Vivemos a era do acesso e do excesso de informações. A era das relações sociais mediadas pela tecnologia digital e pelo consumo. É possível que isso influa na formação de competências, do conhecimento e da consciência humana. Já estamos assistindo ao impacto dessas mudanças, não só nas práticas sociais, mas também nas políticas. Nas inquietantes manifestações de rua, que marcaram seu início em junho de 2013, assistimos, entusiasmados e incrédulos, à força de um engajamento de massa acionado pelas redes sociais, que criam novas formas de manifestação e negação do *status quo*, especialmente o político.

A tecnologia e a mídia assumiram papel central ao promover novas capacidades e modos de pensar e se relacionar, além de criar “ondas”, celebridades e seguidores estranhos à grande mídia. Essas mudanças na tecnologia e no acesso à cultura digital, a mobilidade e a conexão contínuas e o compartilhamento em rede, além de gerarem uma mudança de paradigma nas relações, na produção e no acesso à cultura, devem impactar também nas formas de leitura, em seus suportes e no acesso à informação; portanto, na aprendizagem e na construção do conhecimento.

Nesse cenário, qual o futuro do livro e da literatura? A leitura da palavra escrita e a escrita da palavra continuarão sendo habilidades importantes para a formação das gerações futuras? E, no cenário que já é presente, como concorrer com a tecnologia digital no acesso à informação e produção cultural em diferentes suportes e linguagens?

Ao menos, apesar desse cenário e de uma formação leitora deficiente, temos leitores!

O jovem leitor - seguidor de títulos e autores do segmento juvenil, como: *Os Heróis do Olimpo*, de Rick Riordan; *Diário de um Banana*, de Jeff Kinney; *Jogos Vorazes*, de Suzanne Collins; *Cidade dos Ossos*, de Cassandra Clare; *Fazendo Meu Filme*, de Paula Pimenta; *A Culpa É das Estrelas*, de John Green; a série *Academia de Vampiros*, de Richele Mead; entre outros, é um sobrevivente desse bombardeio de estímulos digitais e de mensagens que invadem as telas e que lhe roubam todo o tempo que teria para se dedicar a um livro. Os números que nos revela a Retratos nos leva a suspeitar que o perfil e a

origem social desse jovem leitor são diferenciados, mas algo singular os mobiliza a serem fiéis leitores desses livros.

Talvez a magia desses livros esteja no acesso a “segredos” desconhecidos e na identificação com as necessidades do adolescente, ou no compartilhamento dessa experiência e na troca de opiniões, descobertas, angústias e superações. Mas falta explicar o interesse quanto a temas tão diversos, pelos seguidores das novas “ondas”.

Até pouco tempo atrás, atraídos pelas fantasias de bruxos e vampiros, os adolescentes, em especial as meninas, voltaram seus olhos para uma nova “onda”: o “*chick-lit*” – uma literatura de autoajuda focada nas adolescentes, que trata desse universo, falando de amor, família e relacionamentos e que tem mulheres como protagonistas. Também um fenômeno global que tem Thalita Rebouças como referência no Brasil (com a série “Fala Sério...”), e estrangeiras como a americana Meg Cabot (da série “O Diário da Princesa”) ou a irlandesa Marian Keyes (de Melancia e Sushi).

Entretanto, em paralelo a isso desponta outro interesse: o “*sick-lit*”- literatura de doença - que traz reflexões sobre a vida e a morte. Adolescentes estão sendo atraídos pela dura realidade das vítimas de graves doenças como câncer ou dramas psicológicos como a depressão. Obras como: *A Culpa é das Estrelas*, de R.J. Palacio, tornaram-se um novo fenômeno globalizado. Em janeiro de 2014, esse novo best-seller teve recorde de vendas, segundo a revista *Veja*², confirmando a nova “onda”.

O forte incremento nos lançamentos de títulos e autores e nas vendas dessas obras nos levam a perguntar se a atuação competitiva do mercado de livros teria algum papel no fomento e na renovação de tais “ondas”.

Para João Luís Ceccantini, professor especializado em literatura infantil e juvenil da UNESP, a investida das editoras no gênero *chick-lit*, com lançamento de novas autoras (Carina Rissi, Bruna Vieira e Patricia Barboza), deve-se ao sucesso de nomes como Thalita Rebouças e Paula Pimenta. No depoimento que deu à revista *Veja*, esse mercado é muito ágil e, quando um livro dá certo, outras editoras lançam obras parecidas³.

Não podemos dizer que essa oferta de títulos e autores para consolidar um segmento seja uma novidade. Era possível encontrar, há uma década, uma literatura para as crianças com grande investimento e lançamento de novos títulos, autores e ilustradores voltados ao segmento infantil. Houve um importante aumento no lançamento de selos e, nas livrarias, muito investimento nos espaços, estantes e atividades (como contação de histórias etc.) voltadas ao público infantil. Já em relação à literatura juvenil, até poucos anos, ela não se diferenciava da literatura adulta. O que tem mudado. Hoje,

“Talvez a magia desses livros esteja no acesso a ‘segredos’ desconhecidos e na identificação com as necessidades do adolescente, ou no compartilhamento dessa experiência e na troca de opiniões, descobertas, angústias e superações.”

há segmentos e até selos especializados voltados a essa faixa etária.

Editoras atentas com o fenômeno que despontou com as séries e se consolida com novas “ondas”, como *Diário de um Banana*, de Jeff Kinney, investem na busca de novos autores, nacionais ou estrangeiros, e em títulos que atendam aos interesses, genuínos ou criados, desses adolescentes; reorganizam-se ou criam selos juvenis para cuidar desse novo consumidor de livros.

Esse movimento em relação ao segmento juvenil pode explicar o incremento nas vendas em 2013 que, segundo a empresa de pesquisa GFK, cresceu 24%, passando de 7,4% para 8,4% do total de exemplares vendidos⁴.

Outra explicação pode, em parte, estar na melhoria do poder de compra da dita classe média, que passa a se interessar por bens culturais. Essa possibilidade, de certa forma, é confirmada pela Retratos da Leitura, quando informa que cresceu de 59% para 65% a compra em livrarias, apesar de 85% da população brasileira não ter comprado nenhum livro em três meses.

Apesar do fenômeno das “ondas” ter despertado o mercado editorial, a manutenção desse interesse pelas sagas, os magos, os vampiros e outras histórias fantásticas ou uma literatura de “encontro”, é incerta, assim que a série acaba e se esse jovem não foi cativado pela magia da literatura.

Alguns críticos questionam a qualidade dessa literatura e sua capacidade de formar leitores que leem por prazer. Para eles, trata-se de um modismo alimentado pelo mercado e pelas redes sociais. Já o estilo “*sick-lit*” divide especialistas. Para alguns, é visto como uma literatura que não subestima o adolescente, ao tratar de temas adultos e dolorosos, sem fantasiar a realidade; enquanto outros temem as mensagens negativas. De qualquer modo, esse interesse pela dor em situações tão extremas merece ser mais bem estudado.

Para o professor João Ceccantini, da UNESP, “Desde Homero, a questão da morte é forte na literatura” (...) “Mas o livro deve ter qualidade e não apelar para o lado piegas da doença, senão será apenas mais um modismo que alguns autores usam para vender livros. Se a obra tem soluções estéticas boas, então a leitura vale a pena⁵. Sobre o interesse dos adolescentes por essa

literatura, ele diz: “Os caminhos que levam à leitura são oblíquos. Os jovens leem o que estão com vontade de ler. É ilusão achar que o jovem vai ouvir só o professor, o pai ou a mãe a respeito do que deve ler ou não. A leitura deve satisfazer um desejo interior”⁶.

Decifrar esse particular interesse pode ser a chave para buscarmos formas de cativar os jovens - de todas as origens sociais - para os livros de literatura. O que move, afinal, esse “interesse interior”? Seriam os temas? O mistério? A necessidade de fugir de um mundo real tão banal e viver emoções em um mundo de ficção e fantasia? As indagações sobre a existência humana, as perdas e as fraquezas? Ou a necessidade de se diferenciar, de postar ideias e frases que transformem os amigos em “seguidores”, nas plataformas Facebook e Twitter?

Para essa geração que gasta horas de lazer nas redes sociais, a magia dos livros pode estar não no acesso a “segredos” desconhecidos, mas no compartilhamento desses segredos e mistérios, ou (tomara) em uma nova forma de se autoafirmar mostrando cultura e conhecimento. A interação cria uma nova relação do leitor com o leitor e do leitor com o autor. Talvez esteja nessa nova relação de troca e identificação o segredo para despertar novos leitores.

É possível que todas essas motivações sejam verdadeiras e possam explicar por que o segmento juvenil tem conseguido crescer com a convivência de diferentes temas, ampliando vendas, títulos e consagrando novos autores. Afinal, temos jovens com necessidades e interesses diversos. Certamente, os quase cinco milhões de jovens brasileiros, na faixa de 11 a 17 anos, que se declararam leitores na Retratos da Leitura, definiram sua identidade e sua diversidade de interesses a partir de diferentes histórias de vida, origens sociais e culturais, vida escolar e familiar. Na escolha e identificação com um livro, essa diversidade se faz presente. Mas também as “ondas”, as práticas sociais e os grupos de referência influenciam nessas escolhas. E, ainda, não podemos desprezar o grande investimento de editoras e livrarias na busca e no lançamento de obras de autores estrangeiros e nacionais da literatura juvenil, fazendo uso das novas ferramentas de comunicação.

Será que o que emociona o jovem de hoje é diferente do que emocionava o jovem de dez ou vinte anos atrás? Como ele lida com seus sentimentos e relações? O que pode exercer maior atração em suas fantasias? A pesquisa no Google ou a magia de uma história fantástica que lhe permite viajar por cenários, revelações, mistérios e emoções com as quais se identifica?

Ana Maria Machado, até recentemente presidente da Academia Brasileira de Letras, dá-nos uma boa pista:

Enquanto lemos uma narrativa de ficção, por exemplo, deixamos de ser apenas nós mesmos e somos também aquele personagem sobre o qual estamos lendo – imerso em seu cenário diverso, numa outra sociedade, em circunstâncias diferentes da nossa, vivenciando experiências pelas quais não passamos, muitas vezes em um tempo que não é o que vivemos. E ao nos colocarmos dessa maneira íntima e profunda numa vida que não é a nossa, desenvolvemos nossa capacidade de vestir a pele do outro, de entender quem não somos, mas quem tem tanto em comum conosco. Por dentro, participando de pensamentos ocultos, sonhos adivinhados, medos escondidos, anseios inconfessados e tanta coisa mais⁷.

Para além do interesse e de suas motivações, se continuarmos entendendo que a leitura e a literatura são importantes para uma formação plena e humanizada, precisamos descobrir como desenvolver o hábito e o gosto pela leitura quando pensamos em políticas públicas.

Especialistas buscam na neurociência, na psicologia e na pedagogia contribuições para entender como aprendemos e desenvolvemos nossa inteligência. Essas contribuições talvez possam nos ajudar a entender como a leitura influencia nossa aprendizagem e formação e, em contrapartida, como desenvolver o hábito da leitura. Para o educador Celso Antunes “A inteligência é a capacidade de encontrar palavras certas para expressar significados de maneira plena”⁸. É saber pensar e saber fazer. Para ele, a estimulação cerebral persistente e adequada pode desenvolver a inteligência.

Suzana Herculano Housel, neurocientista e professora, entende que a neurociência ofereceu contribuição fundamental para: “entender que o aprendizado é resultado da modificação do cérebro conforme ele é trabalhado, ao longo do tempo”; e, para reconhecer os fatores que influenciam nesse aprendizado. Um desses fatores, segundo ela, é a repetição: “A pessoa se aprimora naquilo que ela faz sempre, ou seja, quanto mais faz, mais aprende a fazer”⁹.

Se aceitarmos essas teses, entendemos que a prática da leitura contribui para o desenvolvimento da compreensão leitora e da capacidade de pensar e usar palavras, além de desenvolver o hábito da leitura. Entendemos, enfim, que é preciso praticar!

Um bom leitor lê com muita frequência e quase tudo que lhe cai às mãos, ou na tela. E não estamos falando de qualquer leitura espontânea, a escolha de um livro e autor demandam interesse e conhecimento. Mas temos um requisito essencial para ler: sem dúvida, primeiro, necessitamos compreender o que lemos. Um analfabeto funcional não reúne a competência básica para a leitura de livros ou de qualquer texto.

“Guardamos na memória aquele livro que desperta uma emoção que fica implícita como uma experiência prazerosa e reveladora. A literatura ‘arte’ traz prazer pelo texto em si e propõe descobertas.”

Já gostar de literatura demanda apreciar a literatura como arte, uma literatura capaz de despertar emoções, inquietações, respostas, desejos, indignação etc. Esse despertar pode ser autônomo. Há muitos relatos de leitores que tiveram a sorte ou a oportunidade de ter um livro nas mãos que lhes despertou o interesse de ser lido e o gosto pela leitura. Mas no cenário que descrevemos, com a concorrência de tantos outros estímulos, mais do que nunca a formação de um leitor pede um mediador. Alguém que, mais do que um bom leitor, seja apaixonado pela leitura e pelos jovens. Que goste de se doar e sinta certo fascínio em entender o que pensa, os interesses, valores e necessidades desse jovem. Escolher o livro certo para o momento, “seduzi-lo” e fazer o marketing da história e da personagem é a melhor receita para se conquistar um jovem leitor para a literatura. É como cozinhar para alguém que queremos impressionar. A escolha dos ingredientes, a receita, o tempero, o preparo e a arrumação da mesa criam o encantamento e o sabor inesquecível na memória, que faz querer repetir a experiência.

Volto a Ana Maria Machado, que traz outra dica, que adoro repetir, sobre como conquistar um leitor:

Fui proprietária e gerenciei uma livraria infantil por dezoito anos. Durante esse tempo, nunca encontrei uma criança ou jovem que não gostasse de ler um bom texto, se a sua aproximação com a literatura se fizesse como deve ser. Encontrei muitos que achavam que não gostavam. Mas depois descobriam que não gostavam daquele tipo de leitura que lhes estava sendo imposta. É preciso poder escolher. E ter variedade para escolher. Depois de rejeitado o primeiro livro, o segundo, quantos forem necessários, virá um que traga uma descoberta. Por isso costumo dizer que ler é como namorar. Quem acha que não gosta é porque está com um parceiro que não lhe dá prazer. Trate de trocar¹⁰.

As reflexões acima nos levam de volta às questões sobre qual leitura pode despertar o prazer de ler e formar leitores para sempre.

Não há consenso sobre essas questões. Há quem defenda que qualquer leitura valha a pena, mesmo a de entretenimento ligeiro, para desenvolver o hábito de ler e, segundo os neurologistas, nossa capacidade de aprender. Mas outros especialistas, como Fabíola Farias, ao analisarem o interesse por obras da nova “onda” juvenil, argumentam que não é qualquer literatura que desperta no leitor a emoção de uma literatura enquanto arte. A literatura “arte”, segundo Fabíola, “nos dá a possibilidade de construir... sentidos e imagens literárias”. Citando Bartolomeu de Queirós, diz que não basta contar histórias (fabulação diária) sobre o que fizemos ou o que pensamos, ou trocar angústias e vivências. Para ela, essas narrativas cativam pela identificação, mas não promovem o prazer pela leitura de ficção em geral. Não garantem que as seguidoras de “*chick-lit*”, venham a ler outros autores e gêneros e a apreciar uma literatura “arte”¹¹.

Essas teses nos fazem voltar à pergunta: - Então, como se faz um leitor? Pela repetição e hábito, ou possibilitando descobrir o prazer estético e emocional que um livro pode lhe trazer? Creio que uma literatura que fica na memória como o sabor de um momento inesquecível tem grande poder de sedução. Ficamos íntimos de um personagem ou nos emocionamos com uma história de vida; sentimos vontade de conhecer aquele lugar; quase sentimos o gosto de uma comida; levamos uma frase em nossa memória; uma bebida (sinto, até hoje, vontade de tomar o “Daiquiri” descrito por Hemingway, em *O Velho e o Mar* - com flocos de açúcar na beira do copo). Guardamos na memória aquele livro que desperta uma emoção que fica implícita como uma experiência prazerosa e reveladora. A literatura “arte” traz prazer pelo texto em si e propõe descobertas.

A antropóloga francesa Michèle Petit, autora de *Os Jovens e a Leitura*, oferece uma explicação para esse fenômeno global a que assistimos também no Brasil. Ao analisar o interesse pela leitura entre jovens da periferia de Paris, ela destrinchou as razões de suas escolhas. Nessas leituras, os jovens estão procurando alguma coisa, “porque ler não é mascar chicletes”. Segundo o editorial “Os Jovens com Livro na Mão”¹², ela descobriu coisas simples e ao mesmo tempo fundamentais, como a importância dos agentes de leitura e dos espaços públicos de leitura, para que essa rapaziada se encontrasse com os livros. E descobriu também “razões complexas, como as ligações entre ler e encontrar a própria identidade em meio a um mundo hostil, mercantilizado e brutalizado. Em miúdos, para esses jovens, ler era resistir, descobrir o outro, descobrir-se”. Petit, segundo o editorial, traz mais uma contribuição: “uma de suas conclusões é que os jovens com os quais conversou vinham de um fastio para com o sistema de Ensino – voltado demais para o sucesso e vi-

ciado em conteúdos tecnocratas. Ler se tornou a única forma de prazer num universo de desprazer”.

Sem dúvida, a baixa qualidade do ensino oferecido no Brasil também gera o desinteresse pela escola e pela educação formal. Forma alunos desinteressados pela leitura e que não dominam a compreensão leitora. Tomara que a leitura dessa nova literatura juvenil tenha o caráter de negação e de expressão de revolta com o sistema de ensino! Em relação aos jovens brasileiros, prefiro apostar que estejam em busca da própria identidade e da sublimação de um “mundo hostil, mercantilizado e brutalizado”. E, como já afirmei, concordo com a importância dos agentes e espaços de leitura oferecidos a esses jovens. Talvez, o leitor brasileiro que abraçou a nova literatura jovem não esteja na periferia, mas venha da classe média. Aqui, creio que seja uma leitura de “encontros” e não de “negação” ou de substituição da escola.

Mas, não podemos massificar o leitor jovem. Mesmo que a maioria seja estimulada a ler pela “onda”, certamente, boa parte desses adolescentes inicia essa leitura e não chega até o final, enquanto outros se transformam em seguidores das séries. Penso que devemos buscar entender esse fenômeno naquilo que ele tem de singular.

Na adolescência, vivemos muitas angústias na transição da infância para a vida adulta. Surgem necessidades e sentimentos que não dominamos. As expectativas da família e amigos passam a ser importantes nas nossas decisões e atitudes; passamos a nos preocupar com nossa imagem e em sermos aprovados; e, principalmente, preocupamo-nos em entender sentimentos que não controlamos. Buscar respostas para nossas dúvidas e compartilhar nossas angústias e inseguranças, mesmo que inconscientemente, passa a ser fundamental.

A literatura pode trazer explicações ou possibilitar identificação com os mesmos dilemas, ao revelar sentimentos e emoções de personagens em situações similares à do leitor. A dor e a insegurança no amor, a incompreensão dos pais e as exigências da vida adulta, que tanto assustam, podem ser compartilhadas. A sensação de não estar só e a revelação de que muitos jovens, em outras épocas ou lugares, sentiram a mesma emoção ou frustração podem acalmar as angústias e possibilitar que se encontre respostas e saídas. Essa identificação se dá pelo compartilhamento e pela descoberta de que não se é diferente. Penetrar outras subjetividades pode ser revelador de nós mesmos.

Personagens que vivem emoções que já vivemos, que superaram inseguranças, conquistam reconhecimento e amor por meio do domínio de poderes sobrenaturais, poções mágicas e outros elementos fantásticos possibilitam analogias apaziguadoras ao leitor adolescente. Essa projeção e a imaginação

são estratégias para se sobrepor e minimizar uma realidade que nos assusta ou que nos é enfadonha. Uma sublimação que alivia e permite criar outro mundo, no qual é possível ser melhor; onde tudo pode ser superado, resolvido, conquistado. Um universo juvenil que o adulto não entra, porque não domina sua linguagem, nem seus significados, ou porque não é confiável. Essa riqueza emocional, promovida pela literatura, liberta e estimula o protagonismo. Apesar de não ser uma literatura “arte”, acredito que as “ondas” recentes sejam uma boa iniciação, capazes de despertar o interesse pela leitura e, nesse ponto, descubro que não concordo com alguns especialistas.

Muitos defendem que a riqueza da literatura não está em brindar o leitor com um espelho dele mesmo, mas em lhe oferecer outros significados e descobertas de mundos – subjetivos ou reais. Nas palavras de Bartolomeu Campos de Queirós: “Ao outro devemos oferecer ou possibilitar um outro e não tentar presentear-lo com ele mesmo e com seu mundo a todo momento”¹³.

Se concordarmos com esses especialistas, ficamos com um desafio ainda maior: por um lado, temos, segundo a Retratos, adolescentes que não leem, porque não gostam ou não sabem se gostam de ler; por outro, temos adolescentes que leem, mas que não continuarão lendo, pois não leem uma literatura capaz de conquistá-los para sempre. Nesse triste cenário, como atrair então nossos jovens para uma literatura transformadora e que desperte o prazer pela leitura no futuro? Como afinal, melhorar os indicadores de leitura no Brasil?

Livros digitais - novos leitores e relações com autores e narrativas

Em recente congresso sobre o livro digital, promovido pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), a grande maioria dos palestrantes sustentou que a substituição do livro em papel pelo digital é uma questão de tempo. O livro em papel sempre vai existir, mas os novos lançamentos serão dirigidos a públicos especiais, como hoje acontece com o CD e o disco em vinil. O suporte digital deve trazer transformações importantes na forma de acesso e na produção dos conteúdos, narrativas e ilustrações ou hipertextos; além de possibilitar uma nova relação (virtual) entre autor e leitores.

Já estamos assistindo a essas transformações, em especial, nas relações - virtuais - estabelecidas entre autores e seus seguidores. Essa relação sempre aconteceu, mas era distante, imaginada ou mediada por demoradas cartas. O autor sempre escreve para seu leitor, mesmo quando nega essa co-autoria. Como analisei em outro texto:

O livro ganha vida quando aberto pelo leitor, e, traz sempre uma história incompleta, por mais detalhada que seja a narrativa. Nenhum cenário está

“Nossos jovens estão sofrendo uma exclusão perversa, porque é invisível. Eles não sabem se gostam de ler, porque não lhes foi oferecido esse cardápio.”

acabado, nenhuma emoção se transporta do autor para o leitor. Elas são suscitadas e cabe ao leitor, com sua subjetividade e referências, recontar para ele mesmo a história. É nessa “recriação” que exercita sua imaginação e suas emoções. O leitor se encontra nos “cantos” da história como um personagem observador. Torna-se íntimo do autor, coloca-se no seu lugar para descobrir o que não foi contado. Enquanto o autor, também busca esse leitor ausente: Escrevo para quem? Onde ele está ou em que tempo estará lendo o que conto? O que pensa? Por que lê? (FAILLA, 2012, p. 20).

A novidade acontece quando o leitor expressa seus sentimentos, opiniões e questionamentos sobre a obra e seus personagens para o autor, e troca ideias com outros leitores, compartilhando online e em conexão contínua. Talvez isso quebre a magia da imaginação e as fantasias a respeito do autor, que antes se revestia de certo glamour e mistério, alguém iluminado pela arte de escrever e narrar histórias.

Uma nova relação traz perdas e ganhos. Sem dúvida, possibilita um retorno que pode ser muito revelador para o autor, sobre sua obra e os personagens que criou. Para o leitor, por sua vez, possibilita desvendar um pouquinho do autor e palpitar ou se informar sobre a continuação das histórias e dos personagens, sobre a resolução de seus dilemas e dúvidas, que ficam depois do “*The End*”. Fico, entretanto, com mais uma inquietação. Será que permanecer com as indagações sobre a traição de Capitu não é justamente o que cria uma história viva e estimulante?

Um ganho inquestionável do novo modelo é, sem dúvida, a troca entre leitores. Essa interatividade enriquece a história e, principalmente, instiga a aprofundar o conhecimento sobre personagens e autor. Estabelece uma rede de trocas e incentiva novas leituras do mesmo autor ou gênero, para manter as trocas, as indagações e a oportunidade de demonstrar o que sabe, o que leu e, ainda, que sabe mais que os outros. Essa motivação transforma leitores em seguidores e os leva a correrem atrás dos novos lançamentos, para serem os primeiros.

Mas, certamente, temos diferentes leitores

Apesar do fenômeno global revelado com as séries, sabemos que, entre os quase cinco milhões de jovens que afirmam gostar de ler, segundo a Retratos da Leitura, encontramos jovens que leem clássicos, poesia, autoajuda, séries, livros religiosos etc. O que é muito bom!

Jovens adolescentes não compõem uma categoria homogênea. Eles trazem uma miríade de interesses, formas de expressão, vivências, histórias, origens social e cultural diversas. Têm diferentes visões de mundo e sonhos. Seria preciso contemplar essas identidades juvenis sem massificá-las.

Seria preciso investigar, por exemplo, se jovens moradores de regiões pobres e sem oferta de bens culturais são singulares, se leem a mesma história com os mesmos olhos e as palavras com o mesmo significado. Se ele procura na manifestação artística um encontro com ele mesmo, com sua vida e suas referências, ou se busca um encontro com o mundo do qual normalmente é excluído.

E os jovens que “gostam de ler e que nunca leram tanto” são singulares? Os resultados da Retratos me levam a suspeitar que tenham uma origem familiar, cultural e escolar diferenciada. Mas como já falamos, eles também sofrem o bombardeio de imagens, informações, linguagens – hipertextos e mídias - e dividem seu tempo de lazer entre redes sociais, games, televisão, festas, encontros com amigos, shoppings, esportes etc. O desafio principal será manter seu interesse pela leitura solitária e linear após a “onda”.

Decifrar esses singulares interesses é a chave para buscarmos formas específicas de cativar e de manter o prazer de jovens - de todas as classes e origens - pelos livros de literatura que promovem o prazer de ler, num círculo virtuoso. Esse é um bom desafio para a próxima edição da Retratos. Essas descobertas poderão orientar ações e políticas públicas do livro e leitura mais efetivas e democráticas, voltadas a todos esses jovens singulares, com suas origens social e cultural tão diversas.

O direito a literatura

Nossos jovens estão sofrendo uma exclusão perversa, porque é invisível. Eles não sabem se gostam de ler, porque não lhes foi oferecido esse cardápio.

É preciso garantir, por meio de políticas públicas, a todos os adolescentes, o direito ao acesso a livros de literatura de qualquer segmento, inclusive o juvenil, para que possam escolher; e garantir, especialmente, o direito de compreender aquilo que leem.

Para os 20 milhões que ainda não descobriram se gostam de ler, é preciso que lhes seja garantido o direito de experimentar. Que lhes sejam oferecidos

espaços, encontros e práticas leitoras cativantes e mediadas. Que encontrem professores e bibliotecários valorizados, capacitados e que gostem de ler literatura e de conquistar leitores, para que esses jovens brasileiros exerçam seu direito de serem despertados pelo prazer de ler.

A garantia desses direitos é fundamental para desenharmos o cenário futuro da leitura no Brasil.

Assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade. (CANDIDO, 1995, p.175).

Sobre a Pesquisa

A Retratos, já em sua terceira edição, segue metodologia do CERLALC/ONU, para viabilizar a comparação com outros países. No Brasil, os índices de leitura da população de mais de cinco anos é de 4 livros/ano. Estão bem abaixo de países como Espanha (10,3) e Portugal (8,5). No Brasil, 36% leem por exigência acadêmica, enquanto na Espanha 7% leem pelo mesmo motivo. Esse estudo tem cumprido seu objetivo de orientar políticas públicas e, hoje, é referência para mídia, especialistas e governo, quando se trata de comportamento leitor do brasileiro. Tem possibilidade de avaliar e orientar o cumprimento de metas do governo. A Fase preparatória e avaliação da quarta edição deverão ter início no final de 2014. A periodicidade possibilita a construção de séries históricas que permitem avaliar o resultado de investimentos e ações do governo. Além de orientar ações, metas do Plano Nacional da Cultura deverão ser avaliadas pela Pesquisa. Para a próxima edição: frente aos desafios desenhados pelo novo cenário, a Retratos, para cumprir seus principais objetivos de orientar políticas públicas e, também, a cadeia produtiva, deverá, em sua próxima edição, investigar também esses novos fenômenos. **obs**



Zoara Failla

É socióloga pela UNESP, com mestrado em Psicologia Social pela PUC e Pós-graduação em Gestão de RH pela FGV-SP. Atualmente, coordena projetos do Instituto Pró-Livro, como: o Programa o Livro e a Leitura nos Estados e Municípios, em parceria com MinC-PNLL; a campanha Mãe Lê Pra Mim; as instalações infantis em Bienais do Livro: *Deu a Louca nos Livros* (SP), *Biblioteca Viva* (SP); *O Livro é Uma Viagem* (SP e Maceió); *Mãe Lê Pra Mim* (RJ), *Floresta de livros* (RJ-parceria) e *Sítio Pró-Livro*, na Reach (SP). Foi coordenadora da 3ª edição da Pesquisa e organizadora do livro *Retratos da leitura no Brasil 3* e compôs equipe da 2ª edição. Foi consultora do PNUD-ONU, na coordenação do Programa de aperfeiçoamento do ensino médio, na SEE-SP (PRO-MED). Implantou projeto de formação para lidar com jovens em medidas socioeducativas (FEBEM). Foi consultora em formação de gestores nos cinco PALOPs-África e gestora na área de RH, na FUNDAP. Foi presidente do Sindicato dos Sociólogos (SP).



Referências bibliográficas

- BARTOLOMEU Campos de Queirós. *Rascunho*, Curitiba, jul. 2011. Paiol Literário, p. 4. Disponível em: <http://rascunho.gazetadopovo.com.br/wp-content/uploads/2011/06/Rascunho_site_135.pdf>. Acesso em: 16 maio 2014.
- CANDIDO, A. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- FAILLA, Z. (Org.) *Retratos da Leitura no Brasil 3*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de SP, 2012.
- LAJOLO, M.; CECCANTINI, J. L. (Org.). *Monteiro Lobato livro a livro*. São Paulo: Editora UNESP; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.
- LOPES, N. *Problemas no ensino de literatura já duram quatro décadas*. Agência FAPESP, São Paulo, 21 jan. 2014. Disponível em: <<http://agencia.fapesp.br/18499>>. Acesso em: 28 abr. 2014.
- PRADES, D.; LEITE, P.P. (Org.). *Crianças e Jovens no Século XXI – leitores e leituras*. São Paulo: LM -Livros da Matriz, 2012.
- SERRA, E. D. A. (Org.). *A Literatura e os Jovens*. Rio de Janeiro: FNLIJ, 2013.



- 1 Cf. RODRIGUES, Maria Fernanda. Leitura compartilhada. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, Cultura, 2 dez. 2013. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,leitura-compartilhada,1103160,0.htm>>. Acesso em: 28 abr. 2014.
- 2 Disponível em: <<http://veja.com.br/livros>>. Acesso em: 28 abr. 2014.
- 3 Cf. CARNEIRO, RAQUEL. 'Sick-lit': a literatura que não subestima o adolescente. *Veja*, São Paulo, 26 maio 2013. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/celebridades/%E2%80%98sick-lit%E2%80%99-a-literatura-que-nao-subestima-o-adolescente>>. Acesso em: 28 abr. 2014.
- 4 Cf. SEGMENTO juvenil lidera crescimento nas vendas de livros em 2013. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 14 dez. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/12/1385279-segmen-to-juvenil-lidera-crescimento-nas-vendas-de-livros-em-2013.shtml>>. Acesso em: 28 abr. 2014.
- 5 Cf. CARNEIRO, RAQUEL. 'Sick-lit': a literatura que não subestima o adolescente. *Veja*, São Paulo, 26 maio 2013. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/celebridades/%E2%80%98sick-lit%E2%80%99-a-literatura-que-nao-subestima-o-adolescente>>. Acesso em: 28 abr. 2014.
- 6 Idem.
- 7 FAILLA, 2012, p. 59
- 8 O DESAFIO da mente. *Revista Linha Direta*, Belo Horizonte, n. 188, p. 12-17, nov. 2013.
- 9 OS SEGREDOS do cérebro humano. *Revista Linha Direta*, Belo Horizonte, n. 188, p. 94-96, nov. 2013.
- 10 FAILLA, 2012, p. 60.
- 11 PRADES; LEITE, 2012, p. 54.
- 12 OS JOVENS com o livro na mão. *Gazeta do Povo, Londrina*, Opinião, 18 jan. 2014. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/opinia-o/conteudo.phtml?id=1440633&tit=Os-jovens-com-livro-na-mao>>. Acesso em: 28 abr. 2014.
- 13 PRADES; LEITE, 2012, p. 55.